

O AMOR INTEIRO

O amor não admite
meio-termo:
ou se ama e se tem tudo,
ou se suporta,
e nada.
(O amor, então, corta como espada).

Quando uma das partes ama
e a outra apenas suporta,
o amor não completa,
corta.

CORDA BAMBÁ

Ando no fio da espada,
equilibrando-me no risco
do nada.

Busco a dignidade no todo,
jogando malabares
a rodo.

Caço nos caminhos da vida,
Minha grande aventura
Perdida.

AVENTURA LOUCA

A vida é assim:
um dia
me rasgo pela boca,
outro dia
me viro pelo avesso.

A ROTINA DO MINEIRO

Um dia eu ando pela rua,
no outro não saio de casa;
às vezes mergulho no
trabalho,
às vezes só bato asas.

Meu tempo é assim,
rotineiro,
entre saídas e entradas;
um dia moleque fagueiro,
outro cansado da estrada.

OS MAIS IGUAIS

Enquanto os políticos
discutem interesses pessoais,
eu produzo.

Enquanto os ministros
assinam portarias irracionais,
eu estudo.

Enquanto o presidente
faz viagens internacionais,
eu labuto.

Políticos, ministros,
presidente,
são mesmo assim, impolutos,
sorridentes e engomados,
testando nossa capacidade
de sofrer sem ficar putos.

PERFIL

Somos os ratos
de orelhas nas costas,
os sapos cegos,
as cobaias
dos Três Poderes:
somos o povo do Brasil.

O Brasil é feito
da nossa dignidade ferida,
da dor do nosso flagelo,
da inércia dos poderosos.

O Brasil é a Pátria
apodrecida
pelas fístulas da
corrupção.

Nós trabalhamos, eles se divertem;
nós sonhamos, eles esbanjam.
Eles se isolam na opulência,
nós damos nosso sangue,
na esperança de regenerar
a Pátria podre.

Somos o povo do Brasil.
Aqueles que tocam esse barco.

DISCURSO PROFUNDO

Sua Excelência falou:

— Vagabundos!

Sua Excelência bufou:

— Vagabundos!

Sua Excelência gritou:

— Vagabundos!

Depois desse discurso
profundo,
ajeitou a gravata,
ajustou o terno,
e, todo frajola,
saiu pelo mundo,
vagabundo.

DESCAMINHO

Prefiro as distorções
mais arrojadas,
do que as linhas retas;
acordes dissonantes,
a cebolões.

O que se há de fazer,
se sou mesmo assim,
meio torto,
e o mundo em que vivo
é um descaminho?

MENU COM ANTÍDOTO

Dida falava assim:

— Vou fazer um arroz
"la greta" procê.

Depois, vinha com outra:

— Melhor: feijão "torpedo".

Eu saboreava:

— Biscoito de "porvício".

Passava a comilança,
fígado chiava:

— Toma chá de "bôrdo".

Minha vida pintava e
"bordava".

TERNURA

Minha mãe, de cadeira
de rodas,
exercitava diariamente
sua veia mais crítica.

Desfiávamos os rosários das
mais tenras novidades
da Caxambu de então.

Meu pai sorria,
com seu gênio turbulento.

Minhas irmãs,
boquirrotas, explodiam.

Eu tomava minha cervejinha,
enquanto a felicidade passava.

DESPRESSURIZAÇÃO

Desde que comecei
a despensar,
vivo meio zozzo.

Nada muito sério,
desimagino.

Só tenho uma certeza:
vivo desinquietao.

VERDADES

Quem me disse isso tudo
foi a Dida:

— Home que passa debaixo do
arco-íris vira muié.

— Morcego é rato véio que
criou asa.

— Rosto quente, que toma
corrente de vento frio,
entorta a boca.

Desde então,
nunca mais parei
de pensar.

O VERSO DECOMPOSTO

Desmantelo versos,
assim faço.

Não quero o verso tolo,
o verso lasso.

Decomponho versos,
assim espero.

Não quero o verso burro,
o lero-lero.

O que eu quero,
de verdade,
é o poema forte,
o verso exato,
que, mesmo decomposto,
neutralize o impacto
desconcertante
do fato.

SONETO DA VIDA-RIMA

Nada vai fazer com que eu desista,
ou, mesmo, que eu insista em desistir;
tudo irá mudar e isso é parte,
do fato impertinente de existir.

Ninguém deve esperar que eu desanime,
ou, mesmo, que eu me anime a vacilar;
tudo há de mudar porque faz parte
o fato incontestável de mudar.

A vida é assim, é teimosia;
quem cede e fácil desanima,
deixa passar o tempo e se esvazia;

e não há poema que exprima,
o peso inquestionável da poesia,
que reside na luta pela rima.

PATRIOTISMO

Amo o Brasil,
como amo uma boa trepadinha
bem no finzinho da noite.

Amo Pindorama,
como amo uma roda de viola,
conversa jogada fora.

Amo Santa Cruz,
como amo os livros, os discos,
o imaginário do povo.

Amo Vera Cruz,
como amo um beijinho gostoso
na boca de minha amada.

Amo esta Terra Brasilis,
como amo meus filhos, minha família,
minha vidinha tranqüila.

Amo meu país,
como amo Caetano Veloso
cantando "Língua".

Amo minha Pátria,
como amo as varandas, os sussurros,
as águas minerais.

Amo minha terra,
como amo Caxambu, meus amigos,
minhas causas impossíveis.

Amo o Brasil,
como amo as metáforas, as antíteses,
os paradoxos.

REGIME POLÍTICO

Parlaputa
Mentatismo,
Presiplura,
Dencialismo,
Parladência,
Putatismo,
Presidência,
Pluralismo,
Parlamento,
Merdaência,
Putamerda,
Decadência.

DEPOIS QUE JOHN LENNON MORREU

Hoje somos senhores de casa,
barrigudos e carecas,
não há mais canções dos Beatles,
nem masturbação nos muros
da cidade.

A cidade, ah, a cidade!

Virou plantação de prédios?

Oligopólio de riquezas escusas?

Hoje somos pais de família,

cabelos grisalhos,

quase broxas,

não há mais beijos roubados,

nem tesão por tornozelos.

Hoje as bundas são explícitas,

os seios não têm mistérios.

Os dedos manuseiam vento,

as coxas anseiam por verdades.

A OBRA PERDIDA

Parte de minha obra sumiu,
escafedeu-se,
fruto de minha desatenção.

Parte de meus poemas mais queridos,
hoje é lixo,
está por aí, perdida em algum lixão de Brasília.

Rasguei-os, apaguei-os de mim,
agora sofro.

Quando terei caminhos
Para novas criações?

Meus melhores poemas,
aqueles que mais me tocavam,
viraram migalhas,
lugar-comum,
deteriorados, talvez,
entre outros resíduos,
as letras apagadas,
palavras desarticuladas,
resultado de minha cabeça oca.

Como é triste descartar poemas!
Temas que tanto tempo
levei para desenvolver,
hoje são assuntos mortos,
perda total.

Fosse eu um poeta importante,
teria uma obra inacabada.

A CARA DA ARANHA

Ao escrever, deparo-me com uma aranha:
É dessas aranhas pequenas, papa-moscas.
O que haverá na cara da aranha?
Sinto que milhares de olhos me
perscrutam,
Gulliver de liliputianos olhares
temerosos.
A aranha, sinto, me analisa.
Poeta, estarei louco?
Recuso-me a escrever por uns instantes.
A aranha pára, liga-se em mim.
Eu morro.
A aranha, de súbito, me desdenha:
tece uma teia inesperada,
anda, vai embora,
e eu, perplexo,
a perceber nela caras e bocas.
Aranha estranha...
Simplesmente dá-me as costas
e escala a teia.
Aranha feia!

A TARDE SONGA-MONGA

Desimagino coisas nessa tarde
escrota.
Arremedo o tempo fazendo caretas.
A tarde escraviza o sábado,
desencravo a frase.

Meu dedão dói,
típico cagão.
Meu poema escorrega,
como a desfaçatez das bananas
pisadas.
Eu, hein, penso na tarde.

Desdigo tudo e não sou fhc.
A tarde é songa-monga e me faz
espirrar podres.
O sábado é foda.

A VERRUGA DA CAVEIRA

Não sei o que é mais feio:
se uma caveira, uma verruga,
ou mesmo a Sandra de Sá.

Por via das dúvidas,
extravio meus enredos,
daqui para acolá.

Imaginem uma caveira com verrugas.
Ai, meu Deus, que coisa mais
horrível!
Peço licença e desencarno.
E o tempo nos dirá quem tem razão.

O ROQUEIRO CADUCO

Misturo acordes pesados
com canções românticas
e subverto a ordem.

Sou um psicodélico eclético,
que vai do punk ao poético,
como de Caxambu a Baependi.

Meu rock tem clarinetas,
pasmem!

Meu rock tem jatobá, gabirola e araçá,
um sabor exótico.

Meu rock é pudico-erótico.

Destina-se a beatas e meretrizes,
sagrados e profanos,
veados, lésbicas, leigos.

Apesar de tudo, meu rock é meigo.
Muito melhor do que "bunda music"
ou esses pagodes que infernizam
nossos ouvidos.

Meu rock é surdo.

Não é para ser ouvido.

REVERBERAÇÃO

Verter versos,
mananciais palavras,
ler Asterix.
Ouvir música,
reverberar rimas,
idéiafix.

CONSTATAÇÃO COM OSSOS

Brasília esconde
as vértebras no
eixo monumental.

Costelas? Há muitas
no tórax da capital.

Eta, cidade danada,
essa tal Capital Federal!

O CEGO NO TRAPÉZIO

A vida por um triz,
pensa o cego
no trapézio.
A vida por um triz,
penso eu
a caminhar pelo incerto,
o risco,
a aventura.
Seremos todos,
no fundo, no fundo,
cegos no trapézio?
Passa uma brisa rápida,
e minha visão se turva.

MISTÉRIOS DO LIXO

Pobres como eu
são assim:
só andam de ônibus,
roupas remendadas,
sempre quebrados.

Pobres como eu
são assim:
vivem à margem de tudo,
comem o pão que o diabo amassou,
escrevem poesia.

Poetas são assim:
tiram do lixo
canções desesperadas,
poemas de amor,
mistérios da pobreza.

FILOSOFIA BARATA REGADA A VINHO

Escrevo poemas,
logo, desisto!
(diria alguém,
parodiando o filósofo).
Por conta disso,
finjo que existo.

AMADURECER

Entro no ônibus e,
num impulso,
começo a observar
as pessoas.
Dois jovens advogados
testam sua
alegoria legislativa
praticando latim.
Subitamente,
eu penso em mim.

BENCHMARK

Os intelectuais que
me perdoem,
mas a burrice
é fundamental.
Sem ela,
a intelectualidade
não teria
benchmark.

POEMA PROFUNDAMENTE ROMÂNTICO

Te amo
até nas profundezas
dos mares mais
profundos,
no ponto mais
abissal do Grand Canyon,
no fundo mais
recôndito
do meu pobre coração.
Te amo
da extensão mais profunda
das mais fundas
cavernas de Minas,
no esconderijo mais
secreto dos poetas,
te amo até
na solidão mais aguda
dos planetas.
Meu amor por ti
extrapola silêncios.

A MONTANHA E O CAIS

Da infância trago quimeras,
do passado, minas generosas;
há uma pergunta no ar
que não sei responder.
Talvez mereça quimeras,
quiçá, Deus sabe,
Minas Gerais.
Talvez meu mundo-montanha,
nascido longe do mar,
esteja a procura de um cais.

A MÚSICA E O MÚSICO

Busco acordes que não
sei,
canções inesperadas.
As chaves mais absurdas
se perdem em minhas
partituras.
E o músico em mim,
comete música.

OS PÉS

Amava admirar os pés
femininos
em sandálias que
emanavam sexo.

As mulheres enfeitavam
os pés e os expunham,
descaradas.

O poeta recolhia-se
em si e imaginava
o impossível.

AMOR CIBERNÉTICO

Eu sou uma espécie
de *hacker*
insaciável.
Quero brincar com você,
criando jogos,
nós dois num
site paradisíaco.
Eu pirateio você,
você se entrega,
eu crio um
software chamado
"Nós Dois".
Depois, é tudo assim:
só *bits* e *bytes*.

MEU DIA DE REFÉM

Hoje foi meu dia
de padecer como
refém.

Um dia quente
e normal,
e eu numa
fila enorme,
da Caixa Econômica
Federal.

POEMA DOCE

Dida me dizia:

— Açúcar bom é açúcar de
rapadura,
tão doce,
tão doce,
que até o dente dói.
Café feito com esse açúcar,
leva nós até no céu,
de tão gostoso que é.

Garapa pura!

Cê num conhece não, Dim?
É um açúcar mais escuro,
mei marrom, quase preto,
o povo conhece ele
como açúcar "mascado".

— Ah, Dida, agora sei.
E minhas melhores lembranças
adoçam meus momentos.

CAUSA

As letrinhas e os sons,
com requintes de sonho
e emoção,
confirmam o poema.

As letrinhas e os sons,
às vezes,
organizam-se em métrica
e rima,
em prol do poema.

Às vezes sem métrica,
às vezes sem rima,
o poema livre aflora,
explora o ritmo,
encanta as horas.

O poema
às vezes ri,
às vezes
chora.

QUESTÕES CRUCIAIS

Por que não sorrir
se estamos aqui
por obra divina?

Será que há motivos
para os medos ocultos
de cada esquina?

Por que não sorrir
se estamos aqui
pelas mãos de Deus?

Será que há motivos
para os ódios e insultos
dos fariseus?

PROVA ARCAICA

A noite de Brasília
convida a encantos mortos.
Eu aqui, professor,
a seguir as regras.
Aplico provas,
professor arcaico.
Alunos, olhares cândidos,
a testar o mestre (idiota?);
olham para o ar,
a perscrutar insetos,
quicã frases,
mensagens-brisa,
o teste arcaico.
A noite de Brasília,
quente de febril,
resmungua ausências.
Eu, na mesa de um auditório,
a copular com letras,
aplico (pasmem!),
em pleno 2002,
provas no Brasil!
Minha mente acena
com esperança.
Uma voz esganiçada
ecoa pelo
corredor da faculdade.
Uma aluna eufórica,
estudante de quê?
Casais jovens
esbanjam a libido
pelas escadas.
Eu, professor,
encantos mortos,
domino a noite inexata:
testo gente,
teste inócuo,
o saber vomitado
sem convicção,
numa folha de papel
arreganhada.

MONEY METER

As pessoas ligam
seus medidores de dinheiro,
seus caça-níqueis particulares.

Dois rápidos cliques
e o mundo é tarifado.

Tudo é dinheiro,
tudo é cifrão.

Respiro dez merréis de
esperança,
bebo cinco pilas de ilusão,
como dois contos de verdades,
rasgo três paus de ambição.

A vida, ah, a vida!
Essa corre,
desvalorizada,
dólares se esvaindo
pelo ladrão.

31/10/2002 - OS 100 ANOS DE DRUMMOND

Hoje comemoro.
Comemoro o quê?
Paro.
Carlos ressuscitado,
como se fosse Deus,
eu,
talvez enfermo,
blasfemo.

A augusta majestade de Itabira,
com seus morros e montanhas,
e o céu (enfim) chuvoso de Brasília.
Continuo aqui e ele lá.

Sua estátua repousa
numa calçada de Copacabana,
enxerga o mar de costas,
o que é que você quer?
Gauche é sempre gauche, meu caro,
é assim mesmo.

Lanço o *happy birthday* numa prece,
Receoso, porém, ressono.

Drummond dorme,
anjo torto,
um século de anjo.

A TARDE ATORDOADA

Encanto-me contigo, ó tarde atordoada.
És o espaço morto dos estômagos
privilegiados,
cheios de carboidratos,
que, atormentados pela plenitude,
espalham a preguiça.

Manifestas-te em mim,
esse tal de ser humano,
como a revelação mais cruel
(e interessante)
dos meus limites.

Triglicerídeos,
assanhados pelos últimos exames,
pululam em meu sangue,
colesteróis apaixonados
regurgitam em minhas veias.

Minha pressão,
controlada pelos remédios mais fortes,
comporta-se bem.

Meu coração,
anginas à parte,
palpita atônito.

Encanto-me contigo,
ó tarde magnífica!
És a constatação da opulência,
a força dos momentos mais altivos
que vivemos,
enquanto semimortos.

Todos os sábados,
após as tragédias de praxe,
recolho-me em ti,
ó tarde atordoada.

MASOQUISMO

Quando nada mais tiver
que ser dito,
quando não houver mais
ninguém maldito,
quando as coisas forem
assim, quase perfeitas,
e, de tão completas,
as ações não precisarem
mais
ser refeitas,
aí sim, que remédio,
estará instalado,
enfim,
o tédio.

DESPREZO

Desacelero o descaso,
assim como desfaço
o desfeito.

Assim são o desconforto,
o desleixo,
o desalento.

Disso tudo
fica o desmando:
desnecessário,
desligado,
despeitado.

NÁUFRAGO DO PRANTO

A lágrima contida
é como sonegar
a vida.

A falta de horizonte
é como denegrir
o encanto.

O homem sem lida
é como naufragar
no pranto.

Sou lágrima contida,
falta de horizonte,
encanto denegrido,
náufrago do pranto.

ESTORVO

Estúpido veneno,
títulos fugindo
pelo ladrão.

A consciência do fundo,
veias poluídas,
degeneração.

O espelho, duro retrato,
o traço torto,
a descoberta
do estorvo.

Um sonho
indesejável,
paisagem morta,
eu morto.

CÉLULAS MOFADAS

Poemas obscuros,
a opacidade
refletida
no breu.
Meu arco-íris,
monocromático,
é preto
sobre o negro.
Minha dor
oculta as cores.
Células mofadas?
Oh, Deus, onde estão
os horizontes?

SÉPIA

O dia em sépia,
sombras que impactam
e se impõem
sobre as luzes.

Dia marrom, cor de café.

Sinto-me como
um semitom amargo,
totalmente bemol.

MAIS DÚVIDAS

O que é melhor:
ser casto ou fescenino?

Há momentos
em que essas dúvidas
me assolam.

A resposta vem em
doses homeopáticas:
às vezes pudicas e beatas,
às vezes prostitutas
obscenas.

TURNED OFF

Caí na rede
sou peixe, presa fácil,
emaranhei-me:
noventa quilos de
luz apagada,
desliguei-me.

O TEMPO-CROCODILO

Vejo nos dentes do dia
presas de crocodilo.
Mandíbulas se expandem e
se contraem
por vinte e quatro horas,
a alma da gente
sendo devorada
pelo tempo:
alma-presa,
tempo-crocodilo.

SOBREVIVER

É só luta, nada além.

Corre-se para um lado,
desvia-se das balas perdidas,
corre-se para o outro,
desvia-se dos motoristas loucos,
dos gerentes de bancos,
dos ladrões, dos trombadinhas.

Sobreviver é como
uma arte perigosa:
o globo da morte,
o trapézio sem rede,
lidar com feras.

Sentido na vida?
Pode ser que haja:
talvez lutar.

Ao final,
um caixão enfeitado com flores,
o choro da família,
o lamento dos amigos.
Quiçá a perspectiva
de virar herói.

Depois da vida?
Prefiro não alimentar
mistérios.

BLASFÊMIA

Quem lê meus versos
mais recentes
poderá descobrir
minha insanidade.

Talvez seja uma constatação
tosca, ou
uma inverdade.

O fato é que ando
questionando muito
minha existência.

Tenho medo de descobrir
que sou só um pedaço
de carne
e que minha alma
é só uma brincadeira de
Deus.

SINGULAR E PLURAL

No singular
todos são bons.
Quero ver
é no plural!

CONQUISTA

Em baixo, antes de tudo,
a estratégia: qual o melhor caminho
para o monte?
Em cima, o monte:
rígido, úmido, apontando para o alto,
cume pontiagudo.
O monte surge, impávido, da floresta.
O monte, parece, atíça, alicia o aventureiro,
como se dissesse:
Venha!

Desprovido de provisões, nu, o aventureiro se
arrisca.
Falta-lhe oxigênio, sobra-lhe adrenalina;
a aventura é inevitável.
Duas cadeias de montanhas, protegendo uma gruta
funda,
e o monte, que se sobressai, perfeito,
ambiente exato, propício para a aventura.

A conquista se configura a cada passo,
a cada espaço vencido.
Palpita, o monte?
Impressão?
Terremoto?
Tremor sem conseqüências?
O monte palpita.
O aventureiro chega ao cume.

O monte incha, chove no monte,
o monte engole a chuva.
De repente, tudo é paz.
A floresta se fecha sobre a gruta,
e a gruta, protetora,
esconde o monte.

FETICHE

Os pés fundem-se
à areia,
perfeita harmonia.

O discreto brilho do
esmalte, destaca
os dedos que encantam.

Olhos fechados,
alguém que imagina,
se deleita
com a completa
harmonia.

FRIO SOBRE O FRIO

O vento frio
fustiga o inverno de
Brasília.

A capital federal,
fria, fustigada pelo
vento, frio, se revela.

Os amantes de Brasília
procuram justificativas
para um calor quase
impossível.

NATUREZA MORTA

Minha varanda
tem um vaso triste,
de flores artificiais.

Em tons pastéis,
rosas descoradas,
samambaias de
triste ver, verde-tristes,
orquídeas de papel.

Minha varanda,
tão bela, tão triste.

ARTE OPACA

De tudo o que restou de mim,
escrevo poemas amargos.

Não componho mais canções,
abandonei o desenho,
pintar, nem pensar.

Minha identidade com a arte,
doravante, pende por um fio.

Versos mudos,
música afônica,
pincéis secos,
naturezas mortas.

O ATO DE PENSAR

No momento
estou propenso
a desistir.

Mas se penso,
sou propenso
a resistir.

Não penso,
desisto.

Se penso,
resisto.

CHUVA

Depois da estiagem,
o alívio:
chove.
A chuva,
doce suor de Deus,
espalha-se
por sobre os gramados,
borrifando vida
na triste cor
cinza
das plantas ressequidas.
Qual camaleão,
de repente,
o cinza dá lugar
ao verde,
como se as folhas
sorrissem,
como se as flores
agradecessem,
saciadas de água,
ressurreição
da natureza morta.

VIDA ADIADA

Coração apertado,
espalha brasa,
angústia sem escrúpulos.

Dor iminente,
sonho adiado,
grilos e grilos.

Poeta escravo,
dor de mim mesmo,
escrevo.

Angina pectoris,
poeta dormente,
postergação.

O TICO-TICO E O BASTARDINHO

O filhote perdido,
penas negras,
implora por comida.

Duas vezes maior
que o pai (ou a mãe?)
solícito (solícita?).

O filhote é bastardo.
Tico-tico chocou
em ninho alheio.

Num pé de buganvília,
entre flores carmim,
tico-tico alimenta o bastardinho.

Passarim de penas negras,
nem aí está,
nem se toca.

Tico-tico, pai zeloso, traz o alimento:
um cupim desavisado,
uma lesma, uma minhoca.

Do alto de um prédio,
um cronista denuncia:
bem-te-vi, bem-te-vi!

Tico-tico,
ocupado com seu filho bastardo,
faz que não está nem aí.

REFLEXÃO SOBRE A POESIA

A poesia, meus amigos,
não é flor que se cheire.
Ora quente, ora fria,
na poesia
não se confia.
Tristeza, raiva,
melancolia,
amor, esperança,
alegria,
a poesia,
explosão de emoções,
alegoria,
é verdade,
e mentira,
combinação de humores,
da sonoridade rascante do fagote
à suavidade da lira,
a poesia, meus amigos,
às vezes é lúcida demais,
às vezes delira.

A poesia
não garante
o pão de cada dia.
Por isso poetas
são pobres,
mortos de fome,
sem brilho,
retidos em
si mesmos.
A poesia é como
um cão vadio,
perdido,
jogado a esmo.

A poesia, meus amigos,
é concordância
e rebeldia.
A poesia?
Ah, a poesia!
Segredo, reflexão,
pensamentos
que não levam
a nada,
a poesia existe?
Existe para quê?
Talvez ela seja
a razão de viver
das musas;
mas a poesia,
vez por outra,
é obtusa:
cospe no prato que come,
faz dos poetas
idiotas.
(Cá pra nós,
a poesia é lorota,
não dá para crer).

A poesia, meus amigos,
é miscelânea
de sentimentos,
vontade de viver,
ansiedade,
querer morrer,
 vaidade,
show de extremos,
a poesia não tem limites.
A poesia é sábado,
é domingo,
é a semana,
o mês, a vida
inteira,
mas é vagabunda,
não tem eira,
nem beira.

A poesia, meus amigos,
 exalta e incomoda,
 às vezes é super *fashion*,
 às vezes, fora de moda,
 é a roda de samba,
 é a anágua démodé,
 o fio dental das meninas,
 o sexo suave,
 a pornografia.
 A poesia é a palavra
 com a sina
 do poeta que a produz.
 A poesia - credo em cruz! -
 é buraco de avestruz,
 é a criatura
 que devora o criador,
 é o ódio e o amor,
 é o coração calado,
 é a alma sem pudor.

Há mistérios na poesia,
 ou ela é a própria
 revelação?
 Na dúvida, meus amigos,
 é melhor não fechar
 questão.
 A poesia não requer
 respostas,
 mistura segurança
 com jogos de apostas,
 varia do melhor
 vinho
 à bÍlis mais amarga,
 a poesia é banda
 larga,
 oscila entre
 a cidade e a vila,
 a poesia fermenta,
 a poesia destila,
 é veneno
 e antídoto,
 acaso
 e método.

A poesia, meus amigos,
é como um tiro
de morteiro:
transforma em migalhas
sentimentos e valores,
explode e estraçalha
corações e mentes.
A poesia, meus amigos,
é casta
e indecente.
É triste ser poeta;
é alegre ser poeta.
Na geração de poemas,
brincar com a poesia
é um ato
incontestável
de dor e de prazer.
A poesia é um paradoxo:
mesmo poderosa,
plena de adjetivos,
é inócua e desamparada.
A poesia é como
uma criança
abandonada.
Escrever poemas
é o mesmo
que morrer
de viver.

OLHO DE LINCE

Observo, olhar perscrutador.
O motorista pára
o carro oficial
em frente ao prédio
re-si-den-ci-al.

Será que vem buscar
sua excelência
para trabalhar?

O relógio registra,
prova irrefutável:
uma, duas, três horas,
sua excelência não desce.

Dormirá, a autoridade?

O motorista, terno cinza,
via das dúvidas,
tira um cochilo.

Brasília tem dessas coisas:
alguns dormem,
muitos pagam a conta.

ESGRIMA

O esgrimista grita:
"En garde!",
e a luta começa.

Espadas que se encostam,
os floretes, fagulhas que
borboleteiam
pela sala em penumbra.

Ao toque hábil da
espada no corpo do adversário,
"Touché!",
o registro eletrônico
da pontuação do esgrimista. E só.

Esporte nobre,
o espadachim descansa.

As espadas não ferem, pontas
protegidas,
é só uma disputa.

Enquanto isso,
pelas ruas,
espadas sem proteção.